

Por uma crítica da multiplicidade nos estudos literários¹

For a review of the multiplicity in literary studies

FABIO AKCELROD DURÃO *

RESUMO: O PRESENTE ENSAIO DESENVOLVE ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DA IDEIA DE MULTIPLICIDADE NOS ESTUDOS LITERÁRIOS NO BRASIL HOJE. CONSIDERADA O MAIOR LUGAR COMUM DO CAMPO, A ASSOCIAÇÃO DA LITERATURA COM O MÚLTIPLO COMBINA-SE COM UMA CRENÇA DE QUE AQUELA ESTÁ LIGADA AO BEM E QUE O PLURAL É INERENTEMENTE DEMOCRÁTICO, ETICAMENTE POSITIVO. ISSO TRAZ EFEITOS EMPOBRECEDORES PARA O PROCESSO INTERPRETATIVO E EM ÚLTIMA INSTÂNCIA FAZ ASSEMBELHAREM-SE O ESTUDO DAS LETRAS COM A FORMA DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS DO CAPITALISMO ATUAL.

ABSTRACT: THIS SHORT PAPER REFLECTS ON HOW THE IDEA OF MULTIPLICITY AFFECTS LITERARY STUDIES IN BRAZIL TODAY. TAKEN AS THE STRONGEST COMMON PLACE OF THE FIELD, THE ASSOCIATION BETWEEN LITERATURE WITH THE MULTIPLE IS COMBINED WITH A BELIEF THAT THE FORMER IS INHERENT GOOD, AND THAT THE PLURAL IS INHERENTLY DEMOCRATIC, ETHICALLY POSITIVE. THIS GENERATES EFFECTS THAT IMPOVERISH THE INTERPRETATIVE PROCESS AND ULTIMATELY MAKE THE STUDY OF LITERATURE RESEMBLE THE FORM OF COMMODITY CIRCULATION IN TODAY'S CAPITALISM.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA, MULTIPLICIDADE, INTERPRETAÇÃO.

KEYWORDS: LITERATURE, MULTIPLICITY, INTERPRETATION.

1. O presente trabalho foi inicialmente apresentado como uma palestra no *VIII Simpósio de Pós Graduação em Ciência da Literatura*. Agradeço a Flavia Trocoli e Alberto Pucheu, pelo convite, e a João Camillo Penna pela mediação da mesa. Alguns traços orais foram mantidos no manuscrito.

* Departamento de Teoria Literária, Unicamp.

E realmente irônico que um ensaio que pretende abordar criticamente o funcionamento do conceito de multiplicidade nos estudos literários no Brasil, hoje, deva começar observando que se trata de uma questão ela mesma multifacetada. Com efeito, o fenômeno possui ramificações em diversos campos do saber, ressonâncias institucionais, implicações sociais e reverberações em vários aspectos daquilo que seria o espírito de nosso tempo. Englobá-lo como uma coisa só, a partir de uma visada absolutamente extrínseca, teria algo de redutor e poderia (enfim!) corresponder ao estereótipo de totalitarismo por meio do qual muitos dos defensores da multiplicidade procuram tirar sua existência. Ao invés de aniquilar seu objeto, uma crítica da multiplicidade deveria atentar para a ambiguidade do genitivo e deixar antever a possibilidade de algo verdadeiramente diferente, mas isso só pode ser acontecer a partir do olhar que encara o negativo da multiplicidade como ela se apresenta de fato. Relacionado a esse problema metodológico – criticar a multiplicidade em seu próprio nome – há outro, que diz respeito à sua forma de existência. Como o objeto a ser descrito abaixo (e este já é uma primeira ideia) só existe como uma grande massa textual indiferenciada, qualquer exemplo, por sua própria natureza, já traria em si um princípio de individuação em desacordo com sua essência. Ao invés de ilustrar os argumentos com casos específicos, será mais frutífero apelar para a experiência do leitor, que, sem dúvida, não terá dificuldade para encontrar inúmeras instâncias de corroboração no cotidiano da vida das Letras na universidade.

Talvez a maneira mais segura de começar seja por meio de uma constatação abrangente: a de que o múltiplo tem sido um dos focos centrais da filosofia nos últimos quarenta ou cinquenta anos e que essa preocupação transferiu-se para os estudos literários, aqui encontrando um solo fértil – porém menos para sua reflexão ou desenvolvimento, do que para sua aceitação e aplicação em obras de ficção determinadas. Isso não é algo que desmereça o campo das Letras, pois a formação de conceitos em abstrato não é de sua alçada. A fabricação de conceitos ocorre, neste caso, não em abstrato, nem reivindicando uma validade irrestrita, mas tão-somente em vista de artefatos literários e objetos da cultura em seu caráter de significação. O importante é notar que essa dinâmica de transposição e expansão converteu a diferença, um parente da multiplicidade, em algo de banal. Vem daí o primeiro ponto que mereceria ser enfatizado, a saber, *que a ideia de que “o texto é múltiplo” é hoje o maior lugar-comum, a mais difundida mistificação, dos estudos literários, não apenas no Brasil, mas*

especialmente aqui. Sem dúvida, essa mitologia não precisa colocar-se explícita e veementemente como tal, como uma bandeira a ser defendida; por vezes, não é nem mesmo necessário que ela seja pronunciada. Pelo contrário, sua força vem justamente do quanto já se naturalizou, de como se tornou transparente, a ponto de ser praticamente invisível. E é justamente por se furtar facilmente ao campo de visão que o mito da multiplicidade pode ter consequências tão diretas para o processo interpretativo.

A transferência da multiplicidade da filosofia para a crítica se deu com o advento da Teoria, uma nova formação discursiva, tipicamente norte-americana, altamente contraditória, e que não apenas traz diversos desafios para aquilo que seria o campo de estudo da literatura, mas o lança em uma crise da qual parecemos ter pouca consciência². Com efeito, se pensarmos que a diferença implica um tipo de multiplicidade, o número das chamadas “vertentes teóricas” que, de uma maneira ou de outra, se envolvem com ela é extenso, e os exemplos vão desde os mais óbvios como o deleuzianismo, a desconstrução e pluralidade do texto barthesiano; passam pelas ambiguidades da semiótica ou o infinito da semiose, as indeterminações da estética da recepção, as estratégias de resistência de grupos oprimidos, de acordo com os Estudos Culturais, o hibridismo pós-colonial, a instabilidade das identidades e a performatividade dos queer studies; para chegar naquilo que talvez seja a manifestação suprema, o paroxismo do múltiplo, a saber, dialogismo bakhtiniano, uma verdadeira geleia geral que parece simplesmente não conceber um outro da multiplicidade.³ Não é o intuito aqui abordar diretamente essas teorias; seria, porém, vantajoso apontar para três peculiaridades presentes naquelas que são fortes e que valem a pena. Em primeiro lugar, a multiplicidade enfática só ocorre a posteriori; ela é o *resultado* do processo interpretativo e não o seu ponto de partida. De fato, essa posição no discurso crítico contribui em grande medida para o destino que terá: a multiplicidade de antemão dificilmente não será abstrata, e dificilmente não adquirirá um aspecto invocatório, avesso à demonstração e à argumentação. Em segundo lugar, a diferença não é um mero conteúdo conceitual, mas está inscrita na própria organização formal dos textos nos quais realmente existe.

2. Remeto aqui para o meu *Teoria (literária) americana* (Campinas: Autores Associados, 2011).

3. Quase como uma piada, seria possível sugerir uma nova definição de monologismo: “monológico é o texto que eu *não* estou lendo”. Para uma crítica à recepção de Bakhtin no Brasil, cf. o meu “Monologismo de lo múltiple” *Tópicos del Seminario*, 21.Enero-junio 2009, pp. 25-46. Disponível no Scielo.

Para dizer sucintamente, a palavra “diferença” não é diferente e invocar o termo não é suficiente para fazê-lo acontecer. No limite, haveria aqui quase um paradoxo enunciativo: ao pronunciá-lo, já se estaria fora dele. (O mesmo vale para outros conceitos fortes como “dialética” ou “interpretação imanente” – dizer algo como “é preciso fazer uma leitura imanente”, já é não fazê-lo. Isso lança a suspeita de que aqueles textos que produzem uma multiplicidade de verdade são os que menos usam a palavra.) Finalmente, é interessante perceber que a diferença torna-se mais veemente quando se alia a um elemento performativo. Porque vale a pena observar que a leitura de um Derrida ou de um Adorno já é uma escrita, ela mesma uma interpretação – por motivos obviamente, sem dúvida. Em Adorno, os campos de tensão que compõem a tessitura de seu pensamento estão imbuídos de uma historicidade à qual se deve prestar atenção – para dar um exemplo: em “O ensaio como forma” sua peça mais conhecida na área de Letras, justamente por aparentemente louvar a multiplicidade do ensaio, é necessário perceber como ele facilmente compartilha da lógica da indústria cultural. Isso é algo para o qual Adorno aponta no segundo parágrafo do ensaio sobre o ensaio, mas não com a devida ênfase. Para ser polêmico, seria possível dizer que a oposição, hoje, não é mais, como em “O ensaio como forma”, entre o tratado e o ensaio, mas entre o ensaio e ele mesmo, ou seja, entre o ensaio de verdade, e o ensaio como invólucro do *fast food paper*, um produto burocrático e feito às pressas. No caso de Derrida, a compreensão de seus textos pressupõe um entrelaçamento de seus diversos fios argumentativos, uma costura fadada a deixar elementos de fora – algo que em Lacan talvez seja mais acentuado ainda. A suspeita muito comum aos leitores de Derrida, de que o texto não faz sentido, vem disso. Em suma: tanto para Adorno quanto para Derrida, decodificar o pensamento é impraticável e ler propriamente já é estar comentando.

Com isso, é possível mencionar uma segunda ideia central, a saber, *que a multiplicidade possui um apelo especial para a área de Letras por causa da associação da literatura com o Bem*. Ao contrário do que possa parecer, isso não é algo natural, mas o resultado de um processo histórico e social que, ao construir o conceito de literatura como o entendemos hoje, retirou a relevância social daqueles escritos que passaram a receber esse nome. A literatura passou a designar algo sem uma finalidade aparente; o Bem só pôde surgir, aqui, porque é resultado de uma neutralização, de falta de impacto social, de participação naquilo que é decisivo. Não ocorreria a ninguém dizer que a propaganda é inerentemente

boa, embora sua proximidade com a ficção seja cada vez maior, enquanto a literatura cada vez mais se alimenta do absurdo do que realmente existe. (Valeria a pena pensar mais sobre essa tensão na ficcionalidade, sua exacerbação no mundo das mercadorias e precarização na literatura.) O afastamento das preocupações do dia-a-dia, daquilo que realmente é vital para a economia e a sobrevivência dos indivíduos em uma sociedade antagonística, converte a literatura em uma promessa de transcendência. Tal promessa contém os contrários dentro de si, pois se de um lado é algo de precioso em relação àquilo que meramente existe; por outro, ela se presta a adotar a forma desse belo edulcorado que nos é tão familiar, esse romantismo pervertido e degradado que é o *magnum opus* da indústria cultural. No entanto, a profissionalização do campo dos Estudos Literários assegura que essa representação da literatura como doçura tenha uma vida bem curta. A secundarista que entra para a faculdade de Letras porque acha a literatura “linda”, ou porque escreve versos em um diário e quer expressar seu “eu interior profundo” por certo leva um choque já no primeiro semestre, quando aprende (se a faculdade for boa) que a intenção do autor não é decisiva para o sentido final da obra, que a estrutura é fundamental, que o que importa são as palavras na página. O estudo da literatura deve, portanto, compartilhar de algo da ciência. A fixação no texto facilita que se detecte ambiguidades, polissemias, indeterminações e incertezas que por sua vez deixam entrever uma multiplicidade de sentidos. Isso gera vários efeitos colaterais. Em primeiro lugar, por ser capaz de conter tantas possibilidades, mantém-se a representação da literatura como algo transcendente, em última instância participante no indizível. Se antes ela era divina porque traduzia perfeitamente uma subjetividade especial, que tinha coisas sublimes a dizer sobre a experiência humana como um todo, hoje ela é inefável porque ser humano algum poderia estar à altura de sua riqueza, que agora pode residir tanto na capacidade composicional do autor, quanto no potencial intrínseco da linguagem, frequentemente como uma mistura de ambos. É curioso observar, em relação a isso, que essa multiplicidade à qual estou me referindo, esse lugar-comum do campo das Letras, concilia sem problemas características típicas tanto da Nova Crítica quando do Estruturalismo, tendências teóricas normalmente tidas como incompatíveis. O *New Criticism* via no poema uma organicidade inexistente fora dele, na sociedade de massas e do individualismo. Em oposição a um mundo filisteu, regido pelo egoísmo

e auto-interesse, um mundo de uma linguagem totalmente comunicacional e informativa, a lírica oferecia uma densidade verbal, na qual indeterminações de sentido, ambiguidades e ironias, testemunhavam a riqueza da experiência humana. O Estruturalismo era avesso a esse investimento antropomórfico no sentido, mas sua concepção de sistema também incentivava e valorizava possibilidades de sentido, desta vez oriundas da riqueza da língua em suas combinações internas, permutações e conotações.

Essa proximidade com o Bem, que permite – ênfase de novo – uma conciliação entre técnica e religião, possui igualmente *uma dimensão ético-política*. A pluralidade dá a impressão de tolerância e respeito pela alteridade; ela parece acolher a democracia ao deixar implícito que todos teriam direito à voz, que não haveria censura na dança dos sentidos. Note-se o papel da igualdade, aqui. Como os sujeitos da democracia representativa burguesa, os diversos sentidos de um texto são colocados lado-a-lado, abstratamente; eles são vistos como fungíveis, intercambiáveis entre si, e sua mera existência parece justificar sua validade. A ideologia da igualdade desconsidera que as diversas vozes, opiniões ou pontos de vista possuem pesos diferentes e encontram-se em campos de força específicos. O reflexo disso na interpretação de texto pode tomar dois rumos opostos. Por um lado, há o que poderia ser chamado de multiplicidade militante, que chama a atenção para o quanto o “um” é opressor e múltiplo portador da liberdade. Como veremos a seguir, essa postura ignora que a retórica da abundância está no centro do desenvolvimento do capitalismo atual e que para setores de ponta da produção de mercadorias (pense-se na moda, nas campanhas da Benetton) se movem por um princípio de diferença⁴. A segunda postura da política da multiplicidade vai em uma direção contrária. Ao invés de peremptoriamente defender uma ideia de multiplicidade que, por ser abstrata, acaba por mostrar-se ela mesma una, ela adota uma posição de total tolerância e aceitação. Todos são bem vindos. Como consequência disso, o sujeito do discurso da multiplicidade não precisa realizar escolhas. Ao acolher igualmente tudo e todos, ele não apenas passa a jogar no time do status quo, mas tende a gerar, mesmo que inconscientemente, um

4. Essa ideia não é nova e pode ser encontrada em livros de ampla divulgação no Brasil, como *A Condição da Pós-Modernidade*, de David Harvey, e o *Império*, de Toni Negri & Michael Hardt. Impressiona, portanto, que ela tenha uma vigência tão restrita – algo que atesta ainda outra vez a força dos discursos da multiplicidade.

recalque do confronto: se todo escrito argumentativo é obrigado a priori a delinear os contornos de um antagonista, então o discurso da multiplicidade extrema colocará o próprio antagonismo nesse lugar. E como a oposição entre amigos e inimigos fica borrada no papel, a política pode sair da esfera textual, transferindo-se para outros âmbitos da vida intelectual e acadêmica.

De um ponto de vista mais interno, é possível defender que, *quando a multiplicidade cristaliza-se em um a priori, ela funciona como um lastro para a realização da interpretação*. Ela atua como uma espécie de garantia de sentido que evita a angústia do estudante ou do crítico de não ter o que dizer sobre o texto, aquele pânico diante da página em branco do ensaio que você tem que escrever, da tese ou mesmo da prova. Como a multiplicidade é dada de antemão, não é necessário que se faça um esforço para se formular um problema específico, que singularize a obra e a torne algo fechado em si, por mais intertextual que ela se pretenda ser. Basta que se identifique alguns poucos pontos de indeterminação, para que a ideia subjacente ou o pressuposto flutuante da multiplicidade seja comprovado. Aparece, assim, mais um componente do conceito. Porque não é apenas o caso que a multiplicidade esteja relacionada ao Bem, que ela seja posta como um valor eticamente positivo, inerentemente democrático. Mais do que isso, ela funciona como um lubrificante da máquina de produção acadêmica. O lastro do múltiplo facilita a publicação rápida e abundante de qualquer coisa. A multiplicidade faz que se prescindia do estudo demorado, da absorção da fortuna crítica da obra, de sua localização no corpus do autor ou na continuidade da tradição. Ela coloca-se como um solo firme a partir do qual qualquer material verbal pode ser decodificado. Com isso enfraquece-se aquilo que é o inimigo mortal da multiplicidade abstrata: a forma. Pois a forma nada mais é do que o princípio de auto-delimitação da obra, que lhe confere profundidade e que impede que ela possa significar o que quer que seja.⁵

É interessante notar que o descentramento intrínseco à multiplicidade adéqua-se perfeitamente ao funcionamento da universidade produtivista. Em *A*

5. O exemplo mais didático disso talvez seja o 4'33", de John Cage, sua famosa peça silenciosa. O que ela tematiza é o gesto inicial e final de sua delimitação. Para que cada um dos três movimentos compostos de silêncio possa ocorrer, é necessário que se faça um ruído marcante, que funciona como o rigorosamente mínimo para o estabelecimento da forma. Para uma averiguação dos impasses gerados por essa composição polêmica, cf. o meu "Duas formas de se ouvir o silêncio: revisitando 4'33'", em *Kriterion* vol.46 no.112, Belo Horizonte, 2005. Disponível no Scielo.

*Universidade em Ruínas*⁶, Bill Readings discute o conceito de excelência, argumentando que, diferentemente das idéias reguladoras anteriores de universidade (a Razão, no século XVIII e a Cultura, no sentido de *Bildung*, no XIX), a excelência não possui referente algum. Com o declínio do Estado-Nação e o advento de uma indústria cultural transnacional, a cultura tem enfraquecido seu papel como justificadora de projetos nacionais; ela torna-se desprovida de uma orientação outra que não a do mercado, e essa falta de direção, e centro, favorece abordagens que valorizem o marginal e o múltiplo, que agora se mostram com um princípio de organização adequado para uma cultura sem finalidade.

Isso nos remete à relação com a indústria cultural. É de causar espanto que o pressuposto da multiplicidade, a multiplicidade, de novo, como algo dado, um a priori, possa ter sido tão amplamente aceita, tão universalizada nos estudos literários na universidade, quando na realidade é o seu oposto que impera na vida extra-muros. Não deveria ser necessário argumentar que o princípio da obtenção de lucro faz com que os produtos culturais (note-se o desconforto da expressão) tendam à repetição, que a cultura de massa é regida por padrões estabelecidos e formas pré-determinadas. No entanto, é tão grande a força da divisão social do trabalho, *incluindo aquela dentro do indivíduo*, que separa trabalho e diversão, que a diferença abissal entre um mundo de diferença nas letras e um de repetição *ad nauseam* na indústria da cultura passa facilmente despercebida. Ou o que é pior: os mecanismos de interpretação desenvolvidos para o âmbito da literatura, principalmente a leitura micrológica, são aplicados à chamada cultura popular para que lá se encontre uma pluralidade de sentidos totalmente estranha à vivência concreta que o público tem deles. Pense como são diferentes os objetos oriundos da mesma coisa: por um lado, um filme ou uma canção analisado com uma minúcia quase obsessiva, que mobiliza todo o potencial do material significativo disponível e que os relaciona aos construtos conceituais mais sofisticados; e por outro, o mesmo filme ou canção como visto ou ouvido por milhões de pessoas, fugidia e irrefletidamente. Nos casos mais extremos, como em algumas análises dos Estudos Culturais em seus piores momentos, elas podem servir, quase que imediatamente, como propaganda dos produtos, sobre os quais se debruçam. O paroxismo ocorre quando a propaganda assume a forma de denún-

6. *The University in Ruins* (Harvard: Harvard U.P., 1997).

cia, quando a fábrica de papel ultraja-se com o desperdício das árvores, ou a literatura autopromocional critica o cânone. (Isto é algo que vale a pena ter mente: como os estudos de cultura mais avançados, que lidam com objetos mais novos e mais arrojados tão mais facilmente se misturam com o mundo da propaganda.)

Porém isso deixa de causar espanto quando se aproxima a retórica da abundância, da qual a multiplicidade faz parte, e o discurso das mercadorias sobre si mesmas. Seria o caso de perguntar se não haveria *uma afinidade eletiva entre as duas esferas*. Sem dúvida, a propaganda é superior, porque formalmente mais rigorosa, do que o discurso da multiplicidade (pois ela tem que explorar ao máximo o mundo imaginativo de seu produto em um universo espaço-temporal exíguo); no entanto, quando tomado em seu conjunto, e não no caso de comerciais isolados, o discurso das mercadorias também projeta a imagem de uma multiplicidade de sentidos, do inexaurível do mundo das coisas. Nos dois âmbitos, portanto, haveria uma dialética em jogo entre uma promessa de variedade e diferença que gera uma incontornável mesmice devido à sua própria repetição. Não há nada mais monótono do que a repetição de “isso é diferente” ou “isso é múltiplo”. O que há de infernal nisso é que a multiplicidade ou a diferença para valer acabam perdendo o sentido no mantra de sua presença.

Por fim, vale mencionar que esse discurso da multiplicidade, essa lógica do excesso, essa retórica da abundância são marcas bem amplas do espírito do nosso tempo, que o termo pós-modernismo define problemáticamente. Não é possível entrar aqui em uma polêmica sobre um conceito tão controverso – e que tão rapidamente caiu em desuso. Gostaria apenas de apontar para o quanto aquilo que parecia apenas um singelo exercício interpretativo, uma prática técnica especializada realizada em um sistema universitário cuja precariedade é conhecida de todos – como isso pode estar tão afinado com nosso *Zeitgeist* em um sentido mais amplo. A única ressalva é que isso não é lá um motivo de orgulho.